

MÔNICA FERNANDES

Multifacetada

A descoberta dos Eus

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2020

ROTINA

São quase três da manhã e insisto em ficar acordada, parecendo uma serelepe maníaca, querendo terminar as obrigações. Chata. Sem graça. Monótona. Tá. Pior do que isso só aquelas pessoas idiotas que vivem disso, e só disso. Apenas isso. Enquanto o silêncio da rua, da casa e de todos circula pelo ar, na verdade, se perde pelo ar. Eu me perco irremediavelmente e irreversivelmente em meus pensamentos, segura de que estou fazendo o certo. Lembrando. Lembrando de qualquer coisa que durou tempo suficiente pra me fazer sentir alguém ativamente feliz. Existe um esforço e uma cobrança interna que me obrigam a procurar por pontes que me levem a minha intensidade máxima. Sede. Sede de viver, de descobrir, de viajar, de dançar, de cantar. Venhamos e convenhamos, de vez em quando, eu queria mandar todo mundo à merda. Sem discussão aqui, por favor! Até porque você não pode discutir, se ferrou, rá. Levanto para pegar um café. Dou um pulo lá fora. Volto. Sento em frente ao computador. E quero terminar esse texto sem nenhuma ficção. Não quero nada disfarçado de ficção. Afinal, estou falando de uma noite chata, de um dia chato. Nem os meus bons livros poderiam me salvar, portanto estão todos longe de mim. Agora, resolvo tirar tudo da minha cabeça. Não tenho medo do que se passa por ela. Algumas amigas

e eu conversávamos ainda essa semana sobre o medo que uma delas tem por não sentir minimamente nenhum interesse por alguns homens que têm medo do que elas são. Independentes. Então eu fiquei pensando — será que esse é o motivo da minha inquietação ou estou tomando muito café? — bom! Esse texto está prestes a ficar enorme, então fique à vontade para parar por aqui. Não se preocupe, eu te entendo. Como eu estava falando... Não tenho medo de me perder nem de fazer a coisa errada, desde que faça alguma coisa. E, mesmo que não tenha volta, não vou viver na angústia do “se”. Eu tenho o *go for it*. Medo de quebrar a cara é algo lamentável, triste, deserto sentimental. O Horror. O Horror não são os erros, são os passos para trás ou as hesitações na hora de cruzar a rua. Se um carro me atropelar, vai ser porque não olhei para os lados, não porque resolvi atravessar. Logo, pego toda a minha proteção, a bicicleta, o capacete, o chiclete e tudo mais, e penso que nem por isso deixaria de aproveitar o dia. Você me entende? Cada um aproveita a vida do jeito que lhe é conveniente. Mas é o seguinte, rotina é isso mesmo. É sempre uma merda. É mentira, mas é tudo verdade. Talvez fosse a hora de encarar meu caminho e assumir o grande amor da minha vida: escrever. Logo agora a chuva está caindo forte. Da série coisas que devo fazer nos próximos minutos: apagar todas as luzes, deitar e dormir.

SALVADOR, 27 DE JUNHO DE 2014.

UMA GOTA D'ÁGUA

Tarde de inverno e, segundo os meteorologistas, o dia prometia a maior chuva de todos os tempos. Pelas ruas e avenidas, os carros corriam em direção ao seu caís e as pessoas andavam desesperadamente com seus saltos e sapatos escorregadios pelas lamas da calçada, rumo ao ponto mais próximo. Umas fugiam da chuva, outras observavam a primeira gota de chuva cair do céu tempestuoso, eu era uma delas. Eu gostaria de ser como uma gota d'água, talvez até sejamos como gotas d'águas, pequenas em um universo gigantesco, que é baseada em segundos estreitos, antes de deixar de existir. E eu nem quero falar de morte, morte é uma palavra muito pesada, as pessoas já deveriam se acostumar com o significado que ela carrega em si, mas não gostam de pensar sobre isso. A má notícia é: estamos fadados ao fim. Aliás, como todos os eventos da vida, desde a chuva até o último encontro. Lembro-me do dia que eu fui embora e olhei, pela última vez, através da janela de um carro embaçado, sem saber se estava mais frio ali dentro ou lá fora. Silêncio. Gotinhas. Gotinhas. Limpador de vidro. Gotinhas. Gotinhas. Silêncio. Corajoso pedaço de nuvem, que se desprende e risca rapidamente a paisagem, deixando tudo que lhe era conhecido e inteiro, deixando de ser parte,

passando a ser ímpar. Sozinha no abrigo de seu corpo. E nua no abrigo de sua alma.

Terminar é um verbo no infinitivo que se apresenta naturalmente, sem qualquer conjugação, então deveria ser menos doloroso deixar que as coisas pudessem ir embora naturalmente, como a chuva, do que ficar conjugando as coisas que precisam tomar seu rumo. E ponto final. E eu desejava de fato um ponto final. Fim das coisas e *goodbye*, embora odiasse ter que te dizer *goodbye*.

Então você vem novamente parafraseando coisas que eu já ouvi. Ironia do destino? Presságio? Veja bem, meu bem, se você fosse eu e se lembrasse daquele primeiro sorriso sem graça e vergonhoso que eu esbocei pra poder esconder toda a dor que você tinha causado em mim da primeira vez que tive o desprazer de ir embora, certamente entenderia que não há nada além da chuva. Não há sons, não há palpitações, não há desejo, não há amor, até Renato Russo concordaria comigo “Por que se você parar pra pensar, na verdade não há”. Ah! E a gotinha, mas que queda ideal. Suave e melancólica, como uma prematura flor de verão, nasceu e morreu no gélido inverno.

SALVADOR, 8 DE AGOSTO DE 2014.

ESCREVER É...

Às vezes eu me sinto absurdamente sozinha. Chego da aula, mas antes disso encaro a vida, e sigo me esbarrando entre os percalços que encontro pelo caminho. Logo quando acordo, quero café, uma torrada e sair logo de casa. Quero que o pôr do sol comece logo, meu corpo se apressa para as tarefas do dia na esperança de que se eu for rápida o dia vai passar rapidinho. Triste ilusão. A vida é tipo o amor da vida da gente, aqueles que duram para sempre, sabe? Só que na verdade a gente sabe que não vai durar pra sempre. Como dizem por aí. Eu quero que a minha felicidade seja eterna, mas não tem jeito. Uma hora a gente tem que encarar o silêncio, coitado do silêncio, sempre caracterizado como algo ruim. Mas eu amo o silêncio.

Quando pego o meu último ônibus do dia, fico encarando a lua pelo vidro fechado, para evitar que aquele vento gelado toque o meu rosto, e pensando o que vai estar me esperando em casa. Desço do ônibus e caminho pela rua, só tem os porteiros dos edifícios para que eu possa dar boa noite, continuo andando e chego ao meu prédio também silencioso. Não adianta, estou fadada ao silêncio que, de tão meu, passou a ser amado.

Se o silêncio não existisse, também não existiria o sonho e eu, com certeza, não escreveria. E talvez esse seja o motivo

de eu me sentir tão sozinha, ora, tudo contribui para que eu escreva. *One beautiful day* é o que eu preciso quando a noite finalmente cai. Tudo isso para concluir que a realidade é simplesmente um destino que encontrou o seu passageiro, mas, nesse caso, eu não sou nem o destino, nem o passageiro, sou a andorinha, pescador no céu, passarinho no mar, posso ser o que eu quiser e como quiser, porque gosto mesmo é de uma fantasia.

SALVADOR, 11 DE AGOSTO DE 2014.

I MISS YOU

Você não consegue ouvir o coração do outro, se não estiver muito próximo a ele.

As noites cálidas tornam-se tão gélidas sem você.

Aquelas três palavras são ditas demais, e eu acho que elas não são o suficiente.

Para dizer o que eu sinto.

Na verdade, eu nem sei bem
ou talvez eu não saiba como dizer.

Então, se eu simplesmente me deitar aqui ao seu lado para que você escute apenas o meu coração, será o suficiente para nós hoje?

Vamos passar o tempo um com o outro.

Eu preciso da sua graça
para encontrar a minha própria.

Talvez, sem você na minha vida, isso não significasse tanto, mas, quando eu me desse conta de que poderia estar vivendo ao seu lado,

talvez isso seja o meu tudo preferido.

Com você eu sinto todas as coisas que quero dizer, mas não sei bem como te dizer.

Saiba que com você eu sinto como se não tivesse nada a fazer, mas também nada a perder.

Será que essa é a sensação de estar completo?
Nós estamos passando por tempos incertos
e, cada vez mais, eu acho que estou consciente
do quão frágil a vida pode ser.
E eu odiaria ter que perder o meu tempo sem você.
Então não fique tão longe.

I miss you.

SALVADOR, 12 DE OUTUBRO DE 2014.

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em julho de 2020.
